

ISSN: 2176-5960



**A NOÇÃO DE CAMPO PSÍQUICO INCONSCIENTE EM
CARL GUSTAV JUNG: O SELF E SUA PREFIGURAÇÃO NO
ARQUÉTIPO CRISTO — NOTAS EM EDITH STEIN**

Gláucia Kasper¹

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Libanio Cardoso Neto²

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Everaldo dos Santos Mendes³

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

Centro de Investigações em Edith Stein (CIES) da

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

RESUMO: Neste estudo, investigou-se nos escritos de Carl Gustav Jung a noção de campo psíquico inconsciente e de seu centro regulador das atividades psíquicas: o self. Delimitou-se o presente estudo no arquétipo cristão, considerado o fenômeno da diversidade religiosa que permeia a cultura ocidental. No percurso teórico-metodológico, delineou-se uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica, que reuniu os escritos de Carl G. Jung com recurso a Edith Stein. Na cultura ocidental, o arquétipo self prefigura-se na imagem de Cristo. No arquétipo Cristo, Carl G. Jung identificou a manifestação simbólica do arquétipo central da psique humana e coletiva: o Self projetado da contemporaneidade. Nas intervenções clínicas, Carl G. Jung busca tornar consciente o processo de desenvolvimento psíquico, alcançando a essência do ato de existir: o “vir-a-ser” do indivíduo. Na psique, este arquétipo se apresenta sob os modos de luz e sombra. Por sua vez, a integração de seus aspectos negativos constitui parte do desenvolvimento da personalidade. No presente estudo, salienta-se: [i] o sentido do arquétipo central; [ii] o seu papel psíquico prefigurado no Cristo; [iii] a sua função no desenvolvimento da personalidade. No século XXI, compreende-se que pesquisas que versem sobre a manifestação do self são essenciais para o desenvolvimento da personalidade psíquica.

¹ Psicóloga, graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR. Mestra em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná — UNIOESTE. E-mail: glaucia2008.alfa@gmail.com.

² Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ. Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná — UNIOESTE. E-mail: Libanio.Neto@unioeste.br.

³ Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC Minas [e Universidade de Coimbra — UC]. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio [e Universidade de Lisboa — UL]. Professor do Magistério Superior da Universidade Federal do Amapá — UNIFAP. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul — PUCRS. Bolsista CAPES/BRASIL. E-mail: mendes.sefaradi@unifap.br.

Palavras-chave: reflexões de filosofia moderna e contemporânea; antropologia filosófica; alma/psyché; dissociação psíquica.

ABSTRACT: This study investigated the notion of the unconscious psychic field and its regulatory center of psychic activities-the self-in the writings of Carl Gustav Jung. The present study was delimited to the Christian archetype, considered the phenomenon of religious diversity that permeates Western culture. The theoretical-methodological approach involved qualitative bibliographic research, which combined the writings of Carl G. Jung with the work of Edith Stein. In Western culture, the self-archetype is prefigured in the image of Christ. In the Christ archetype, Carl G. Jung identified the symbolic manifestation of the central archetype of the human and collective psyche: the projected Self of contemporaneity. In clinical interventions, Carl G. Jung sought to make the process of psychic development conscious, reaching the essence of the act of existing: the “becoming” of the individual. In the psyche, this archetype presents itself in modes of light and shadow. In turn, the integration of its negative aspects constitutes part of personality development. In this study, we highlight: [i] the meaning of the central archetype; [ii] its psychic role prefigured in Christ; [iii] its function in personality development. In the 21st century, it is understood that research concerning the manifestation of the self is essential for the development of psychic personality.

Keywords: reflections on modern and contemporary philosophy; philosophical anthropology; soul/psyche; psychic dissociation.

I. Introdução

[...] o espírito *encontra* a verdade, ele não a *produz*. /88/ Ela é *eterna* — se a natureza humana muda, se o organismo psíquico muda, se o espírito dos tempos muda, então as opiniões dos seres humanos bem podem mudar, mas a verdade não muda (Stein, 2019, p. 41).

Neste estudo, investigou-se nos escritos de Carl Gustav Jung a noção de “campo psíquico inconsciente” e de seu centro regulador das atividades psíquicas: o self. Destarte, debruçou-se sobre as correlações do campo psíquico inconsciente — do ponto de vista da psicologia analítica — com base no lugar que Cristo ocupa como imagem arquetípica.⁴ Nas especulações de Carl Gustav Jung, a psique estrutura-se dois grandes campos: [i] o consciente (campo 1); [ii] e o inconsciente (campo 2). No caso do inconsciente, subdivide-se: [i] inconsciente pessoal, que contém o conjunto de conteúdos individuais, as representações ou impressões penosas mais ou menos intencionalmente reprimidas, percebido pelo campo dos sentidos [tato, olfato, paladar, visão e audição]; [ii] inconsciente coletivo,⁵ que pode ser

⁴ A imagem primordial que Jung também chamou de arquétipo é sempre coletiva, ou seja, é, no mínimo, comum a todos os povos e tempos. Provavelmente são comuns também a todas as raças e épocas, os principais motivos mitológicos (Jung, 2013, OC. 6, § 832, p. 459).

⁵ Constituído de algo semelhante a temas ou imagens de natureza mitológica e, por esta razão, os mitos dos povos são os verdadeiros expoentes do inconsciente coletivo. Toda a mitologia seria uma espécie de projeção do inconsciente coletivo. Por isso, podemos estudá-lo de duas maneiras: na mitologia ou na análise do indivíduo (Jung, 2013, OC. 8/2, § 325, p. 97).

compreendido de acordo com os conteúdos manifestos que apresentam uma maior amplitude, sendo eles universais e que reaparecem na psique regularmente por meio dos sonhos.

Nos escritos de Carl G. Jung, o campo psíquico do inconsciente possui como centro atuante e regulador das atividades psíquicas o *Selbst*,⁶ sejam elas em estado de sono ou de vigília. Inicialmente, este centro não foi compreendido por Jung do modo como ele nos apresenta em sua teoria amadurecida. De fato, foi ao longo de seus estudos e após se debruçar sobre os escritos de história do mundo, história das religiões, história da filosofia, história da mitologia, história da arqueologia *etc.*, que Jung encontrou um fio condutor e passou a considerar o self uma entidade não psicológica transcendente que atua sobre o sistema psíquico e produz símbolos de integridade, totalidade e unidade. Pode-se observar e analisar dentre esses símbolos a presença da imagem de Cristo, delineada na cultura ocidental.

No século XX, dedicar-se à pesquisa da natureza psíquica e do self representou um grande desafio para Carl G. Jung. Trata-se da categoria fundamental de toda a sua teoria. Deste modo, o estudo tem por escopo abordar as considerações de Jung a respeito desse centro e, conseqüentemente, da imagem de Cristo, que ocupa a categoria central na psique humana e coletiva da cultura ocidental. Para embasar e aprofundar a compreensão sobre os conceitos analíticos, destacam-se os seguintes ensaios: [i] O conceito de arquétipo (OC. 9/1, § 148-155); [ii] A função do arquétipo (OC. 9/1, § 276-277); [iii] O caráter futuro do arquétipo (OC. 9/1, § 278). Para fins de contribuir na ampliação dos respectivos conceitos que permeiam a escrita desse artigo, ressalta-se a contribuição do livro “Complexo, Arquétipo e Símbolo na Psicologia de C. G. Jung um estudo mais detalhado e compreensivo sobre o respectivo termo — arquétipo”, de Jolande Jacobi (2016). Para contemplar este estudo, dentre os escritos de Jung que irão embasar as características do arquétipo cristão na condição de self encontra-se a obra intitulada “Éon” [Aiôn, na língua e cultura grega]⁷, que significa em língua portuguesa: “Era Cristã”.

Na presente obra, Jung busca se apropriar, de modo empírico e científico, do seu objeto de estudo para demonstrar de que maneira Cristo se revelou progressivamente ao longo do éon cristão. Integram este estudo os seguintes ensaios de Carl G. Jung: *O si-mesmo [Self]* (OC 9/2, § 43-67); *Cristo, símbolo do si-mesmo* (OC 9/2, § 68-126); *Estrutura e dinâmica do si-mesmo* (OC 9/2, § 347-421); *Os símbolos do si-mesmo* (OC, 12, § 323-331). Para

⁶ A palavra alemã *Selbst* significa “o mesmo”, encontrado no português como ‘*Si-mesmo*’. Doravante, grafaremos o termo conforme o vocábulo traduzido para o inglês: *Self*.

⁷ No idioma grego antigo temos três palavras para expressar o tempo: *Chronos*, *Kairos* e *Aion*. *Aion* é mais difuso e ambíguo, mas passou a significar um período muito longo de tempo, algo como uma era, ou mesmo a eternidade ou o para sempre (Edinger, 2014, p. 10).

enriquecer o presente estudo abordaremos o comentador e analista junguiano Edward F. Edinger⁸, que produziu obras com uma atenção especial a este tema, dentre elas: *Seminários Aion. Explorando o Self no Aion de C.G. Jung* (2014); *O Arquétipo Cristão: Um comentário junguiano sobre a vida de Cristo* (1987), bem como *Ego e Arquétipo: Uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung* (1972). Esses escritos auxiliam na compreensão e definição conceitual e simbólica que a imagem arquetípica de Cristo ocupa na psique individual, assim como o que esta projeção do inconsciente coletivo busca tornar consciente ao indivíduo moderno.

Por fim, adentrou-se na noção de arquétipo de Cristo. Logo, optou-se por delimitar a investigação sobre o arquétipo de Cristo, considerando-se a diversidade religiosa e cultural na qual se encontra inserida a psique inconsciente e coletiva do homem ocidental. Desse modo, busca-se apresentar ao leitor a relação psicológica que Carl G. Jung encontra entre esta imagem arquetípica e o centro da psique ao qual ele denominou Self.

II. O centro psíquico: o self e sua prefiguração no Cristo

[...] A fé não é para mim, em absoluto, nada irracional, isto é, algo que não tenha nada a ver com a verdade e com a falsidade. Pelo contrário, a fé é um caminho que nos endereça à verdade, e, por certo, um caminho em primeiro lugar até verdades que de outro modo permaneceriam ocultas para nós, e em segundo lugar o caminho *mais seguro* até à verdade, porque não há maior certeza do que a certeza da fé, mais ainda: não existe para o homem que se encontra *in statu viae*, nenhum conhecimento que possua uma certeza igual à que é própria da fé, ainda que seja uma certeza não intuída [...] (Stein, 2007a, p. 172).⁹

Carl G. Jung declara que “o self também pode ser chamado ‘o Deus em nós’. Desde os primórdios toda a nossa vida psíquica parece surgir desde ponto; e nossas metas parecem dirigir-se a ele ao longo da vida” (Jung, 2015, OC. 7/2 § 399, p. 129). Na psicologia analítica, a posição e função psicológica que o self ocupa contribui para o desenvolvimento da psique humana na contemporaneidade. Carl G. Jung busca resgatar em sua teoria os tesouros espirituais que o grande mito — quando prefigurado na vida do homem contemporâneo — pode revelar, de modo que “Cristo elucidada o arquétipo do Self e representa uma totalidade de

⁸ Edward F. Edinger (1922-1998) foi presidente do Instituto da Fundação C. G. Jung de Nova York, médico psiquiatra, analista junguiano e autor de vários livros.

⁹ [...] La fe no es para mí, en absoluto, nada irracional, es decir, algo que no tenga nada que ver con la verdad y con la falsedad. Todo lo contrario, la fe es un camino hacia la verdad, y, por cierto, un camino en primer lugar hacia verdades que de otra manera quedarían ocultas para nosotros, y en segundo lugar el camino *más seguro* hacia la verdad, porque no hay mayor certeza que la de la fe, más aún: no existe para el hombre que se encuentra *in statu viae*, ningún conocimiento que posea una certeza igual a la que es propia de la fe, aunque es una certeza no intuible [...] (Stein, 2007a, p. 172). [Tradução livre].

natureza divina ou celeste, um homem transfigurado, um Filho de Deus *sine macula peccati*, que não foi manchado pelo pecado” (Jung, 2013, OC. 9/2, § 70, p. 52). Pode-se dizer, portanto, que essa configuração confere ao homem [ser humano] contemporâneo unidade de modelo — no plano ético — e unidade ontológica [cosmológica e metafísica].

Perguntou-se, então: qual seria sua contribuição com o desenvolvimento psíquico do indivíduo? Ou, ainda, como ele poderia auxiliar o homem [ser humano] na busca pelo centro de sua alma? Na psicologia analítica, essa busca interna valida e ressalta a importância da realização plena de estado psíquico de felicidade: a realização plena de self saindo de sua forma animalesca e instintual até alcançar a essência divina e espiritual contida e adormecida no mais profundo da psique humana — que pode ser despertado pela manifestação do arquétipo central. Do contrário, o indivíduo viveria segundo seus instintos: preso aos vícios e pecados mundanos, escravizado por suas paixões e, conseqüentemente, com um vazio em sua alma que o levaria a manifestar em forma de doenças os sintomas físicos e psíquicos da alma.

Portanto, faz-se necessário, antes de qualquer referência ao Self, orientar o leitor sobre o uso e definição do termo “arquétipo”. E, antes disso, é importante ter claro que Carl G. Jung, ao elaborar sua teoria, parte do princípio e pressuposto de que “há um fator apriorístico para as atividades humanas, que é a estrutura inata da psique, constituída de um campo consciente e outro inconsciente” (Jung, 2017, OC. 9/1, § 151, p. 85). Por si só, isso antecipa ao leitor dois fatores apriorísticos: [i] a estrutura psíquica é dada a todo indivíduo antes de seu nascimento; [ii] a característica primordial dos arquétipos é que “eles não se difundem por toda parte mediante a simples tradição, linguagem e migração, mas ressurgem espontaneamente em qualquer tempo e lugar sem influência de uma transmissão externa” (Jung, 2017, OC. 9/1, § 155, p. 86). Decerto: situam-se além do alcance da percepção humana: “[...] só podemos percebê-los indiretamente, observando as suas manifestações” (Stein, 2006, p. 117).

Para fins de compreensão da noção junguiana de “arquétipo”, extraiu-se a seguinte definição de Jacobi (2016, p. 43-44):

[...] é impossível oferecer uma definição exata de arquétipo; porque o mesmo representa um profundo enigma que supera nossa capacidade de apreensão racional; ‘o que um conteúdo arquetípico sempre expressa é, antes de tudo, uma metáfora’, ele contém sempre algo que permanece desconhecido e informável. [...] Os arquétipos são, por definição, fatores e temas que ordenam elementos psíquicos, formando determinadas imagens (a ser designadas como arquetípicas), mas de uma maneira que só podem ser reconhecidos pelos efeitos que produzem. Eles existem pré-conscientemente e, supostamente, formam os dominantes estruturais da psique em geral [...]. Como condição a priori, os arquétipos representam o caso especial psíquico do ‘padrão de comportamento’ familiar ao biológico e que empresta a todos os seres vivos seu tipo específico. Assim como as manifestações desse plano básico

biológico podem se alterar no curso do desenvolvimento, as do arquétipo também o podem. Empiricamente, contudo, o arquétipo nunca surgiu dentro do alcance da vida orgânica. Ele entra em cena com a vida.

Neste excerto, explicita-se: todo arquétipo — como o arquétipo de Cristo — pode vir a prefigurar-se na psique humana, manifestando os conteúdos latentes e ocultos. Neste caso, as imagens farão referência à vida terrena de Jesus Cristo, que, do ponto de vista de Edinger (1987, p. 18), significa dizer: “[...] o destino terreno do Homem como corpo de Cristo toma como modelo o destino terreno do próprio Cristo. Deste modo, o indivíduo, no curso de sua história, dirige seu Ego para a morte”. Na perspectiva de Carl G. Jung, esse movimento de assimilação dos conteúdos psíquicos manifestados pelo arquétipo de Cristo na psique humana pode ser representado ou simbolizado por um fio que se movimenta em formato de uma espiral ascendente e descendente, por meio da qual o homem amplia sua consciência, alcançando, assim, um novo degrau ou um novo estado de consciência.

Nos escritos de Carl G. Jung, lê-se:

[...] o homem ‘possui’ muitas coisas que ele não adquiriu, mas herdou dos antepassados. Não nasceu *tabula rasa*, apenas nasceu inconsciente. Traz consigo sistemas organizados e que estão prontos a funcionar numa forma especificamente humana; e isto se deve a milhões de anos de desenvolvimento humano. Da mesma forma como os instintos dos pássaros de migração e construção do ninho nunca foram aprendidos ou adquiridos individualmente, também o homem traz do berço o plano básico de sua natureza, não apenas de sua natureza individual, mas de sua natureza coletiva. Esses sistemas herdados correspondem às situações humanas que existiram desde os primórdios: juventude e velhice; nascimento e morte; filhos e filhas, pais e mãe, uniões, etc. apenas a consciência individual experimenta essas coisas pela primeira vez, mas não o sistema corporal e o inconsciente. Para estes só interessa o funcionamento habitual dos instintos que já foram pré-formados de longa data. [...] Denominei este modelo instintivo, congênito e preexistente, ou respectivamente o *‘pattern of behaviour’*, (padrão de comportamento) de *arquétipo* (Jung, 2013, OC. 4, § 728-729, p. 312-313).

Como citado, a maneira de analisar ou definir o conceito de arquétipo parte da própria fundamentação da biologia como *pattern of behavior* [padrão de comportamento] ou como um *a priori*, uma função psíquica aos moldes de uma categoria kantiana. Desse modo, com base nos predecessores históricos da religião cristã, Carl G. Jung busca dar a fundamentação fenomenológica do self bebendo na mais rica fonte para seu estudo, porque ela contém as inúmeras representações que o ser humano faz da divindade (Edinger, 1972). Na perspectiva de Carl G. Jung, a imagem arquetípica da totalidade denominada *Selbst*,¹⁰ que “[...] traduzido para o inglês é nomeado *Self*, significa o mesmo, de modo que no português é encontrado como *Si-mesmo*” (Lyra, 2012, p. 120). Carl G. Jung descobriu nas suas especulações a

¹⁰ “O si-mesmo ou Self, como um princípio unificador dentro da psique humana, ocupa a posição central de autoridade com relação à vida psicológica e, portanto, do destino do indivíduo” (Samuels; Shorter; Plaut, 2003, p. 97).

realidade da psique e sua fenomenologia por meio das imagens oníricas que o inconsciente envia à consciência, por meio de sonhos e visões, de modo que ele também reconheceu este mesmo fenômeno desvelado nos produtos culturais da humanidade, como na religião cristã, que tem como expressão simbólica o Cristo (Edinger, 1972, p. 22).

Para isto, é importante salientar que os arquétipos são

[...] determinados apenas quanto à forma e não quanto ao conteúdo. Uma imagem primordial só pode ser determinada quanto ao seu conteúdo, no caso de tornar-se consciente e, portanto, preenchida com o material da experiência consciente. Sua forma, por outro lado, [...] poderia ser comparada ao sistema axial de um cristal, que pré-forma, de certo modo, sua estrutura no líquido-mãe, apesar de ele próprio não possuir uma existência material. Esta última só aparece através da maneira específica pela qual os íons e depois as moléculas se agregam. O arquétipo é um elemento vazio e formal em si, nada mais sendo do que uma *facultas praeformandi*, uma possibilidade dada a priori da forma da sua representação. O que é herdado não são as ideias, mas as formas, as quais sob esse aspecto particular correspondem aos instintos igualmente determinados por sua forma. Provar a essência dos arquétipos em si é uma possibilidade tão remota quanto a de provar a dos instintos, enquanto os mesmos não são postos em ação *in concreto* (Jung, 2017, OC. 9/1, § 155, p. 87).

Jung (2017, OC. 9/1, § 155, p. 87) salienta que o self — como todo arquétipo — possui uma variedade incalculável de aspectos simbólicos, que pode apresentar um sentido positivo e favorável ou negativo e nefasto. Carl G. Jung descreve de que modo o Cristo se revelou progressivamente ao longo do *éon* cristão. Neste sentido, ao estabelecer uma relação entre a figura tradicional de Cristo e os símbolos naturais da totalidade — do Self — Jung nos alerta sobre os riscos que essa tarefa desperta, sendo eles: “de acrescentar uma ampliação psicológica de âmbito muito maior em relação às minhas ampliações simbólicas da figura de Cristo, ou de reduzir o símbolo de Cristo a uma imagem psíquica da totalidade” (Jung, 2013, OC. 9/2, p. 10). Portanto, especial atenção e cuidado se fazem necessários, haja vista que o objetivo deste estudo consiste em conduzir o leitor a refletir sobre o fenômeno psíquico pelo qual o self prefigurado na imagem arquetípica de Cristo pode vir a manifestar-se na psique à luz da consciência moderna, principalmente no que diz respeito a seu sentido positivo e favorável, contribuindo para o desenvolvimento psíquico do indivíduo.

Para a psicologia analítica, toda a meta do desenvolvimento psíquico visa alcançar o self, o centro regulador da psique. Carl G. Jung concretiza essa compreensão após avaliar os dados empíricos e históricos. A respeito disso, ele entende que:

O self só pode ser expresso simbolicamente através de sua fenomenologia, o que aliás ocorre com qualquer objeto da experiência empírica. Entre as características particulares do ‘centro’ o que mais me impressionou foi o fenômeno da *quaternidade*. [...] Numa interpretação materialista poder-se-ia afirmar que o ‘centro’ *nada mais é do que* aquele ponto em que a psique se torna incognoscível, por ser lá que se funde com o corpo. Enquanto que ‘no entendimento espiritualista, inversamente, afirmar-se-ia que o Self *nada mais é do que* o espírito, o qual anima a

alma e o corpo, irrompendo no tempo e no espaço através desse ponto criativo’ (Jung, 2012, OC. 12, § 327, p. 235-237).

Nos escritos de Carl G. Jung, de forma empírica, o *self* designa:

O âmbito total de todos os fenômenos psíquicos no homem. Expressa a unidade e totalidade da personalidade global. Mas, na medida em que esta, devido a sua participação inconsciente, só pode ser consciente em parte, o conceito de *self*, na verdade potencialmente empírico em parte e, por isso, um *postulado*, na mesma proporção. Em outras palavras, engloba o experimentável e o não experimentável, respectivamente o ainda não experimentado. [...] na medida em que a totalidade que se compõe tanto de conteúdos conscientes quanto de inconscientes for um postulado, seu conceito é *transcendente*, porque pressupõe, com base na experiência, a existência de fatores inconscientes e caracteriza, assim, uma entidade que só pode ser descrita em parte e que, de outra parte, continua irreconhecível e indimensionável. Uma vez que, na prática, existem fenômenos da consciência e do inconsciente, o *self* como totalidade psíquica tem aspecto consciente e inconsciente (Jung, 2013, OC. 6, § 902 p. 485-486).

Nas especulações de Carl G. Jung, identificou-se que a personificação/manifestação psíquica — pessoal ou coletiva — ocorre por meio de:

Sonhos, mitos e contos de fadas, na figura de ‘personalidades superiores’ como reis, heróis, profetas, salvadores, etc., ou na figura de símbolos de totalidade como o círculo, o quadrilátero, a *quadratura circuli* (quadratura do círculo), a cruz, etc. Enquanto representa uma *complexio oppositorum*, uma união dos opostos, também pode manifestar-se como dualidade unificada, como, por exemplo, no Tao, onde concorrem o yang e o yin, como irmãos em litígio, ou como herói e seu rival (dragão, irmão inimigo, arquí-inimigo, Fausto e Mefisto etc.). Empiricamente, pois, o *Self* aparece como um jogo de luz e sombra, ainda que seja entendido como totalidade, por isso, como unidade em que se unem os opostos (Jung, 2013, OC. 6, § 902, p. 486).

De acordo com Murray Stein (2006), Carl G. Jung para falar sobre o *self* enumera uma série de possíveis imagens que podem servir como receptáculo para a sua manifestação, seja por meio dos sonhos ou visões, seja nas relações e interações com o mundo, sendo elas:

[...] estruturas geométricas, como o círculo, o quadrado e a estrela, são ubíquas e frequentes. Podem aparecer em sonhos sem atrair para si especial atenção: por exemplo: pessoas sentadas em volta de uma mesa redonda, quatro objetos dispostos num espaço quadrado, a planta de uma cidade, uma casa. Números, especialmente o número quatro e múltiplos de quatro, indicam estruturas da quaternidade. Outras imagens do *self* são as pedras preciosas, como diamantes e safiras, gemas que representam um elevado e raro valor. Entre outras representações incluem-se castelos, igrejas, vasos e recipientes, e, é claro, a roda, que tem um centro e raios que se projetam do centro para fora e terminam num aro circular. Tem-se também a representação em figuras humanas que são superiores a personalidade do ego, como os pais, tios, reis, rainhas, príncipes e princesas. Assim como também existem animais que simbolizam o *self*: o elefante, o cavalo, o touro, o urso, o peixe e a serpente. E imagens orgânicas, como árvores e flores, e imagens inorgânicas, como lagos e montanhas (Stein, 2006, p. 146).

Para complementar, Murray Stein (2006) salienta que o *self* contém opostos e tem um caráter paradoxal e antinômico [amoral]:

É ao mesmo tempo, masculino e feminino, velho e criança, poderoso e indefeso, grande e pequeno, bom e mau. É muito possível que o aparente paradoxo nada mais seja do que um reflexo das mudanças enantiométricas ocorridas na disposição da consciência, as quais podem ter um efeito favorável ou desfavorável sobre o todo. Em outras palavras, a forma como o self é representado é influenciada pela disposição consciente da pessoa que o olha. Mudanças na disposição consciente podem provocar mudanças nas características do símbolo do self (Stein, 2006, p. 146).

Dentre as inúmeras personificações acima citadas, das quais o self pode se utilizar, destacam-se como principais delas para o presente estudo: [i] a manifestação em sonhos, na qual as imagens de igrejas e as figuras humanas com características de superioridade e de Salvador se apresentam, como é o caso da figura de Cristo; [ii] a igreja, que representa o corpo humano: o indivíduo, sua estrutura psíquica, aquele que deve passar — “sofrer” na carne e no espírito o processo, assimilando os conteúdos psíquicos até que estes se tornem conscientes. Assim sendo, se o homem moderno do Ocidente é chamado a viver simbolicamente a vida de Cristo, parte-se do pressuposto de “que somos a imagem e semelhança de Deus”. Por isso, um segundo conceito a ser analisado nas obras de Carl G. Jung que faz referência ao self é o conceito de “*Imago Dei*”¹¹. De acordo com o psiquiatra suíço, refere-se ao símbolo da unidade e da totalidade da psique, que pode ser alcançado de diferentes maneiras, em épocas e culturas distintas. Portanto, se cada indivíduo traz dentro de si a imagem de Deus, o cunho do self significa dizer que ostentamos a marca do arquétipo em suas origens.¹² Por fim, cada indivíduo traz consigo uma impressão do arquétipo do self, que é inato e dado a cada ser humano.

Desse modo, tudo o que se encontra sob o viés psicológico, segundo a psicologia analítica sobre a imagem de Deus:

Pode ser aplicado sem nenhuma dificuldade aos símbolos da totalidade. Mostra-nos a experiência que os mandalas individuais são símbolos ordenadores, razão pela qual se manifesta em pacientes, sobretudo em épocas de desorientação ou de reorientação psíquica. Eles exorcizam e esconjuram, sob a forma de círculos mágicos, as potências anárquicas do mundo obscuro, copiando ou gerando uma ordem que converte o caos em cosmos. O mandala se apresenta à consciência primeiramente como algo de vago e puntiforme; em geral, é necessário um trabalho demorado e meticuloso, bem como a integração de muitas projeções, até que se possa compreender de modo mais ou menos completo as proporções do símbolo (Jung, 2013, OC. 9/2, § 60, p. 45-46).

¹¹ “Em termos psicológicos, Jung postulava a realidade de uma imagem de Deus como um símbolo unificador e transcendente capaz de reunir fragmentos psíquicos heterogêneos ou unir opostos polarizados. [...] Como tal, é uma imagem de totalidade e como valor máximo e dominante supremo na hierarquia psíquica, a imagem de Deus está imediatamente relacionada com o self ou é idêntica a ele” (Samuels; Shorter; Plaut, 2003, p. 48).

¹² “[...] *typos* denota um cunho impresso numa moeda, e *arché* designa a matriz ou espécime original” (Stein, 2006, p. 143-144).

Carl G. Jung reflete que na atual era histórica na qual se encontra a humanidade nos últimos dois mil anos começou uma ênfase sobre essa quaternidade espiritual. Por conseguinte, passou-se a ver o ser humano como um ser espiritual consoante essa imagem ideal cristã que foi projetada na figura histórica de Jesus de Nazaré. Logo, a união de Jesus (ego) no Cristo (self) é o resultado da projeção psíquica e coletiva da cultura ocidental, mesmo que inconsciente do seu próprio self espiritual (Stein, 2006). Edith Stein reflete que

[...] o homem [ser humano] foi criado por Deus, e com o primeiro homem toda a humanidade como uma unidade por razão de sua origem e como uma potencial comunidade; cada alma humana individual foi criada por Deus; o homem foi criado a imagem e semelhança de Deus; o homem é livre e responsável por aquilo no que ele se converta; o homem pode e deve fazer que sua vontade esteja em consonância com a vontade de Deus (Stein, 2003, p. 743).¹³

Nas reflexões de Edith Stein, o ser humano é declarado “pessoa”. “[...] Por *persona* concebemos um eu consciente e livre [...]” (Stein, 2000, p. 397)¹⁴, que possui um corpo-vivente [*Leib*], uma psique [*Seele*] e um espírito [*Geist*]. Na pena de Edith Stein, a liberdade não se reduz às escolhas: a pessoa é livre à medida em que alcança e conquista o seu ser. No tear do existir, a liberdade é *conditio sine qua non*, porque sem liberdade não há pessoa humana. Posto que a pessoa não constitui fundamento de si mesma, carece da ação da graça nela para poder conquistar seu próprio centro — o centro da liberdade [alma da alma] — e nele realizar o ato mais livre da liberdade: entregar-se à vontade de D’us (Stein, 2000a; 2003aa; 2003bb).

Na perspectiva de Carl G. Jung, se o homem ocidental encontra-se em busca do centro de sua alma [D’us] por meio da verdade, esse fenômeno revela que o processo de ampliação e assimilação dos conteúdos inconscientes se encontra ativo e acontece ao longo da vida: aqui e agora, enquanto “ser no mundo” que se relaciona com seus semelhantes. Decerto, se a função psíquica do self consiste em emanar de seu núcleo uma ação reguladora para todo o conjunto do sistema psíquico que visa à união dos pares de opostos, denota-se que o self contém em si todas as possibilidades de um indivíduo “vir a ser”. Por meio disto, ele cria um esquema sinuoso em que temas e tendências parecem se desvanecer e tornam a aparecer. Na pena de Carl G. Jung, essa constitui-se em uma das premissas que torna a manifestação do arquétipo cristão atemporal e atual, isto é, “*como se fosse*” uma atualização do mito cristão na vida interior e intrapsíquica do indivíduo. Nesse sentido, conforme Freeman:

¹³ [...] El hombre há sido creado por Dios, y con el primer hombre toda la huamnidad como una unidad por razón de su origen y como una potencial comunidad; cada alma humana individual há sido creada por Dios; el hombre há sido creado a imagen y semejanza de Dios; el hombre es libre y responsable de aquello en lo que él se convierte; el hombre puede y debe hacer que su voluntad esté en consonancia com la voluntad de Dios (Stein, 2003, p. 743). [Tradução livre].

¹⁴ “[...] Per *persona* abbiamo inteso l’Iu cosciente e libero [...]” (Stein, 2000, p. 397). [Tradução livre].

[...] ao observar esse desenho sinuoso ao longo da vida o indivíduo poderá constatar a presença de uma tendência reguladora ou direcional oculta, que gera um desenvolvimento lento e imperceptível de crescimento psíquico, ampliando a sua consciência (Freeman *et al.*, 2008, p. 211).

Evidentemente, trata-se de um desenvolvimento psíquico produzido pelo conflito de duas realidades anímicas fundamentais, de modo que a jornada tem dois aspectos fundamentais: “por um lado, é um processo interior e subjetivo de integração, por outro, torna-se objetivo de relação com o outro sendo tão indispensável quanto o primeiro. Pensando deste modo, um não pode existir sem o outro” (Jung, 2012, OC. 16/2, § 448, p. 121). No ser humano, este processo ocorre de maneira espontânea e inconsciente; subsiste à sua natureza humana inata. No entanto, “[...] só é real se o indivíduo estiver consciente dele, e conseqüentemente, buscar manter uma ligação viva com ele” (Freeman *et al.*, 2008, p. 213). Carl G. Jung enfatiza que este é um dos aspectos do arquétipo que é mais óbvio para aqueles que possuem alguma prática com esta matéria. O que, ao longo deste estudo, busca-se evidenciar é que

[...] os arquétipos, quando surgem, têm um caráter pronunciadamente *numinoso*, que pode ser definido como ‘espiritual’, para não dizer ‘mágico’. Conseqüentemente este fenômeno é da maior importância para a psicologia da religião. O seu efeito, porém, não é tão claro. Pode ser curativo ou destruidor, mas jamais indiferente, pressupondo-se, naturalmente, um certo grau de clareza. Este aspecto merece a denominação de ‘espiritual’ por excelência. Isto é, acontece não raras vezes que o arquétipo aparece sob a forma de espírito nos sonhos ou nos produtos da fantasia, ou se comporta inclusive como um fantasma. Há uma aura mística em torno de sua *numinosidade*, e esta exerce um efeito correspondente sobre os afetos. Ele mobiliza concepções filosóficas e religiosas justamente em pessoas que se acreditam a milhas de distância de semelhantes acessos de fraqueza. Frequentemente ele nos impele para o seu objetivo, com paixão inaudita e lógica implacável que submete o sujeito ao seu fascínio, de que este, apesar de sua resistência desesperada, não consegue e, finalmente, já não quer se desvencilhar, e não o quer justamente porque tal experiência traz consigo uma *plenitude de sentido* até então considerada impossível (Jung, 2013, OC. 8/2, § 405, p. 154-155).

Por último, resta abordar o fenômeno da plenitude de sentido. Carl G. Jung faz referência ao sentido da vida: o indivíduo desperta em si e se move em direção de uma busca interna de transformação e ampliação de consciência. Na pena de Carl G. Jung, trata-se de um fenômeno de fácil verificação; basta observar um indivíduo que está sob o “domínio” dos instintos e alguém que é “governado/guíado” pelo espírito. Na condição de espírito, de acordo com a sua essência, sai de si mesmo com sua vida espiritual e penetra num mundo que se lhe abre, sem perder nada de si. Exala não só sua essência — como toda elaboração real — de uma maneira espiritual, expressando-se ele mesmo de modo inconsciente, atuando pessoal e espiritualmente. Na vida espiritual, a alma humana se eleva acima de si. Não obstante, o espírito humano encontra-se condicionado pelo que lhe é superior e inferior: imerso num

produto material que ele anima e forma em vista de sua configuração de corpo-vivente. Na concepção de Edith Stein, a pessoa leva e engloba “seu” corpo-vivente e “sua” alma, mas é, concomitantemente, suportada e englobada por eles. No ato do existir, a vida espiritual da pessoa se eleva de um fundo obscuro e sobe como uma chama de sódio pascal, nutrida por um material que não reluz por si mesmo; reluz, sem ser absolutamente luz: o espírito humano é visível para si mesmo, mas não é de todo transparente. Pode iluminar outra coisa sem atravessá-la por inteiro (Stein, 1996, 1999, 2007b, 2019; Mendes, 2020; 2022).

Nesta seção, elencou-se os dados empíricos que o psiquiatra suíço Carl G. Jung apresenta em sua teoria sobre o centro da psique e seu principal arquétipo: o Self. Na cultura ocidental, o Self encontra-se prefigurado na figura de Cristo, fenômeno que um grande potencial de vir a ser símbolo vivo na psique do homem contemporâneo.

III. Considerações finais

Quero fugir ao mistério
Para onde fugirei?
Ele é a vida e a morte
Ó Dor, aonde me irei? (Pessoa, 1998, p. 423).

Karl Rahner reflete que o homem [ser humano] — consciente ou inconsciente — encontra-se exposto a um Mistério Sagrado, que constitui o sentido último da existência. Na existência espiritual, este Mistério revela-se o mais primitivo e evidente; o mais oculto e ignorado — um Mistério que se desvela no silêncio! Este Mistério — inexprimível e inexpressado — abrange e sustenta o pequeno círculo da experiência cotidiana, o conhecimento da realidade e o ato da liberdade. Não obstante, “[...] este mistério único pode plenamente fazer-se entender pelo homem, caso este se entenda a si mesmo como alguém que está orientado e remetido ao mistério a que chamamos Deus” (Rahner, 2008, p. 23-24).

Neste sentido, o estudo oportunizou uma ampliação do entendimento de que o ser humano tende a voltar-se — honesta e humildemente — para o seu mundo interior a fim de se autoconhecer e seguir as manifestações e expressões da sua própria natureza psíquica, como os sonhos e as fantasias genuínas, da qual o self poderá emergir. Na perspectiva de Carl G. Jung, o ego encontrará uma fonte de força vital interior em que estão contidas todas as possibilidades de renovação, uma vez que o ego não estará mais no controle. Pelo contrário, o ego terá se tornado um instrumento que desempenha as funções e as tarefas junto ao self. Por meio dos sonhos, são enviados pelo self os recursos que lhe são disponibilizados para realizar

seus trabalhos. Na estrutura da psique, ao ego cabe apenas saber com clareza o que quer, mas é o self quem lhe capacita para realizar as atividades. Pode-se considerar que a conexão com D’us nunca esteve “desligada” no ser humano; ela sempre existiu e sempre esteve lá, mesmo que o indivíduo esteja inconsciente dessa ligação, desse eixo causal. Pode-se comparar esse fenômeno às estrelas, que só são visíveis ao olho nu durante a noite, mas isso não significa que elas deixaram de existir ao longo do dia. No caso concreto dos conteúdos do inconsciente, precisa-se de olhos para visualizar, ouvidos para ouvir, tato para experienciar, olfato para provar, sensibilidade para sentir, coragem para adentrar a floresta escura, paciência para alcançar [e até mesmo perceber as graças divinas], humildade para pedir, ética e responsabilidade para atuar e trabalhar, porque, sem isso, nada de sublime e sobrenatural ocorrerá na vida.

Nas intervenções clínicas e filosóficas, Carl G. Jung e Edith Stein endereçam o ser humano à busca da verdade: realização do encontro com o centro de si mesmo. Do ponto de vista existencial, este é um chamado que todos os seres humanos recebem, quer reprima esta verdade ou a deixe aflorar à superfície. Por este caminho, é preciso saber reconhecer os sinais de iniciação de cada batalha ao longo da jornada, para que, deste modo, haja a possibilidade de promover o processo de integração e de transformação dos aspectos sombrios, porque será através desses conteúdos que se delineará a trajetória da vida. No processo analítico, sua manifestação pode apresentar tanto um aspecto claro e luminoso como um aspecto escuro e sombrio. No estágio da sombra, seus aspectos podem ser mesquinhos ou maus, um impulso instintivo que se deve vencer. Porém, ele pode ser um impulso de crescimento que se deve cultivar e seguir. Do mesmo modo, no estágio da *anima* e do *animus* tem-se um duplo aspecto: pode-se promover um desenvolvimento vivificante e criativo à personalidade ou pode-se provocar a petrificação e a morte física do ego. Isto poderá ocorrer no estágio do self; ele possui um efeito ambivalente e se identifica com o mito cristão. De modo em geral, o desenvolvimento da personalidade visa religar o eixo [ego] consciente ao [self] inconsciente e — simultaneamente — à dimensão misteriosa da qual o self é reflexo ou imagem, culminando na união dos opostos: matrimônio nupcial da amada [alma] com o amado [D’us].

Nas intervenções clínicas e filosóficas, distingue-se: [i] especificamente, a experiência religiosa não é uma experiência de D’us; [ii] estruturalmente, a experiência de D’us não é uma experiência religiosa (Lima Vaz, 1976). Neste estudo, observou-se que

[...] a *experiência do Sagrado* [experiência religiosa] se dá quando o desconhecido e o misterioso irrompem em nossa consciência a partir de acontecimentos particulares que provocam interrogação e espanto. Há uma mudança no estado da consciência e na percepção desses acontecimentos. Essa experiência transporta seu sujeito para um

tempo e um espaço diferentes do espaço-tempo vivenciados no dia a dia. A linguagem expressiva nesse caso será bem diferente da linguagem racional, científica, aproximando-se mais da linguagem poética, metafórica, simbólica. Já a *experiência do Sentido radical* [experiência de Deus] se dá no espaço e no tempo da experiência humana comum do mundo, das relações inter-humanas, e da relação consigo mesmo, como uma forma de contato com uma presença transcendente, que está em toda parte, e que confere um sentido último a todas as presenças particulares, e que é passível de ser expressa na linguagem especificamente humana da expressão do sentido, e, portanto, uma linguagem racional (Amatuzzi, 2015, p. 77).

Na “alma da alma”, Carl G. Jung e Edith Stein reconhecem o fenômeno da experiência cristã de D’us: “[...] a experiência da presença do Sentido radical numa existência historicamente dada, a existência de Jesus, e na palavra da Revelação que é totalmente condicionada por essa existência histórica na medida em que dela procede e a ela se refere [...]” (Lima Vaz, 1976, p. 86). Nas intervenções clínicas e filosóficas, distingue-se: [i] especificamente, a experiência religiosa não é uma experiência de D’us; [ii] estruturalmente, a experiência de D’us não é uma experiência religiosa (Lima Vaz, 1976). Carl G. Jung crê que a vida de Cristo representa as vicissitudes do self em sua encarnação no ego individual. Dito em linguagem junguiana: o drama da vida arquetípica de Cristo representa o desenvolvimento da personalidade. No processo analítico, este chamado constitui o início de um longo caminho... e realizar alguma tarefa até aqui significa que um chamado foi ouvido e correspondido, pois sozinho o ego nada será capaz de realizar.

Por fim, compreendeu-se que todo modo de experiência corresponde à forma de expressão — linguagem — noética de uma presença. Estados psíquicos podem constituir resíduos da experiência, mas não pertencem à sua estrutura própria. Nos processos de subjetivação, a diversificação das formas de experiência obedece a três modos fundamentais de desvelamento do ser ao pensar: [i] a presença das coisas: experiência objetiva; [ii] a presença do outro: experiência intersubjetiva; [iii] a presença de nós a nós mesmos: experiência subjetiva. Interpenetrados, esses três círculos da experiência e da linguagem encerram o ser humano num único espaço tridimensional de presença: “[...] a linguagem das coisas, a linguagem do outro e a linguagem do eu [...]” (Lima Vaz, 1976, p. 78).

REFERÊNCIAS

- AMATUZZI, M. M. *Psicologia do desenvolvimento religioso: a religiosidade nas fases da vida*. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.
- EDINGER, E. F. *Ego e Arquétipo: uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1972.

_____. *O arquétipo cristão: um comentário junguiano sobre a vida de Cristo*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1987.

_____. *Seminários Aion: Explorando o Self no Aion de C. G. Jung*. Trad. Augusto Reis. Disponível em: <file:///E:/pdfcoffee.com_edward-f-edinger-seminarios-aion-3-pdf-free.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2025.

FREEMAN, J. et al. *O homem e seus Símbolos*. Trad. Maria Lucia Pinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

JACOBI, J. *Complexo, Arquétipo e Símbolo na psicologia de C.G. Jung*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

JUNG, C. G. *Psicologia e alquimia: os símbolos do si-mesmo*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *Freud e a psicanálise*. v. 4. 7. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2013.

_____. *Tipos psicológicos*. v. 6. 7. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2013.

_____. *A natureza da psique*. v. 8/2. 10. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2013.

_____. *Aion. Estudo sobre o simbolismo do si-mesmo*. v. 9/2. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. *O eu e o inconsciente*. v. 7/2. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. *Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo*. v. 9/1. 11. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2017.

_____. *Ab-reação, análise dos sonhos e transferência*. v. 16/2. 9. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2012.

LIMA VAZ, H. C. de. A experiência de Deus. In: Betto, F. et al. *Experimentar Deus hoje*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.

LYRA, S. *Jung Leitor de Nietzsche: acerca da “morte de Deus”*. Curitiba: ICHTHYS, 2012.

MENDES, E. S. *O Estado em Edith Stein: uma reflexão onto-teológico-política da “comunidade estatal” na contemporaneidade*. 614 f. Tese [Doutorado em Teologia]. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

_____. *Estado, pessoa e comunidade: análise antropológica, filosófica e psicológica em Edith Stein — confronto e integração com Ignacio Martín-Baró*. 216 f. Tese [Doutorado em Psicologia]. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

PESSOA, F. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*: introdução ao conceito de cristianismo. Trad. Alberto Costa. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

SAMUELS, A.; SHORTER, B.; PLAUT, F. *Dicionário crítico de análise junguiana*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

STEIN, Edith. *Ser finito y ser eterno*: ensayo de una ascención al sentido del ser. Trad. Alberto Pérez Monroy. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1996.

_____. *Essere finito e essere eterno*: per una elevazione al senso dell'essere. Trad. Ângela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999.

_____. *La Struttura della Persona Umana*. Trad. Michele D'Ambra. Roma: Città Nuova, 2000.

_____. Estructura de la Persona Humana. In: STEIN, Edith. *Obras completas, IV*: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. ¿Que és Filosofia? Un Diálogo entre Edmund Husserl y Tomás de Aquino. In: STEIN, E. *Obras Completas, III*: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007a.

_____. *Ser Finito y Ser Eterno*: ensayo de una ascención al sentido del ser. In: STEIN, E. *Obras Completas, III*: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007b.

_____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

STEIN, M. *Jung*: o mapa da alma - uma introdução. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.